

4

Capítulo 4



<https://doi.org/10.71248/9786583818034-4>

Terapias Complementares no Transtorno do Espectro Autista: Expansão das Estratégias de Intervenção

Luís Vicente Ferreira¹
Kelly Rose Pinho Moraes²
Laís Pimentel Tabatinga³
Gustavo Bohnenberger⁴

Graduando em Medicina pela Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano – FAPSS¹
Enfermeira, Pós Graduanda em Gestão Pública UFM, Universidade Federal do Maranhão - UFMA²
Graduada em Medicina, UFMG³
Médico Psiquiatra, Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP)⁴

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma condição neurobiológica complexa que afeta significativamente as capacidades de comunicação, interação social e comportamento dos indivíduos. De acordo com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA é uma condição com diferentes graus de comprometimento, manifestando-se desde as idades mais precoces, frequentemente antes dos 3 anos até a fase adulta, dependendo dos graus de autismo (Nascimento; Bitencourt; Fleig, 2021).

As características principais do TEA são organizadas em duas áreas fundamentais: comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos, caracterizando os principais sintomas do TEA. Estas exposições incluem aspectos específicos como fala monotona ou robotizada, déficits no uso do pitch (frequência) ou controle de volume, deficiências na qualidade vocal e uso de padrões peculiares de estresse (Viana *et al.*, 2021).

A busca crescente de prevalência do TEA e as limitações dos tratamentos convencionais têm impulsionado a por abordagens terapêuticas complementares. Diante do risco de crianças apresentam

efeitos adversos e/ou opções limitadas de tratamento convencional, muitas famílias e cuidadores recorrem para terapias/práticas complementares, para ajudar na complementação do tratamento clínico (Viana *et al.*, 2021).

Definição e Fundamentos das Terapias Complementares

As práticas complementares são definidas como métodos não-convencionais de tratamento que promovem relaxamento e integração do paciente gerando pontos positivos na mudança de resposta motora e comportamental. Essas abordagens apresentam características distintivas que tornam específicas para indivíduos com TEA, oferecendo estímulo à autonomia, assim como as terapias mente-corpo que oferecem uma conexão mente-corpo-saúde, auxiliando na integração das atividades sociais, diárias, inclusão e vínculo familiar (Viana *et al.*, 2021).

A fundamentação teórica para o uso de terapias complementares no TEA baseia-se na compreensão de que uma intervenção interdisciplinar se torna necessária, pois ajuda a desenvolver a comunicação verbal, integração social, alfabetização e outras habilidades dependendo do seu grau de comprometimento e da intensidade e

adequação do tratamento (Viana *et al.*, 2021).

Modalidades de Terapias Complementares

Terapias Baseadas em Movimento e Expressão Corporal

As terapias que utilizam o movimento como elemento central demonstraram eficácia significativa no tratamento do TEA. Entre estas modalidades destacam-se: a música (musicoterapia e ensino da música); brinquedo (ludoterapia); corpo (psicomotricidade); dança (danaterapia); equoterapia (terapia com cavalo); cinoterapia (terapia com cachorro) e atividade física que melhoram a cooperação motora e a capacidade cognitiva (Viana *et al.*, 2021).

A eficácia das atividades rítmicas tem sido particularmente documentada. Em crianças com TEA, estudos melhoraram nas habilidades motoras após 14 semanas de atividades rítmicas, com $p = 0,042$; tamanho do efeito de 1,86 (d de Cohen). Estes resultados sugerem que 14 semanas de atividades rítmicas podem ser um método eficaz para desenvolver as habilidades motoras em pessoas com TEA (Nascimento; Bitencourt; Fleig, 2021).

A importância do desenvolvimento motor é evidenciada pelo fato de que pessoas com transtorno do espectro autista apresentaram percentuais acima de 30%, com dificuldades de comportamentos sociáveis, de aprendizagem e de comunicação. O diagnóstico adequado e a preconização de um plano de tratamento para o desenvolvimento da motricidade são estratégias fundamentais e de ordem prioritária, uma vez que possibilitarão uma análise quantitativa ao longo da vida do autista, assim como poderá favorecer a análise das habilidades cognitivas (Nascimento; Bitencourt; Fleig, 2021).

Terapias Lúdicas e Interativas

Terapia LEGO

A LEGO Terapia representa uma abordagem inovadora que tem ganhado reconhecimento crescente. A Terapia baseada em LEGO é um método terapêutico que foi criado por Daniel LeGoff, neuropsicólogo clínico de Filadélfia, Estados Unidos da América (Ramalho; Sarmiento, 2019). Este método favorece a estimulação da interação social e comunicação.

Os resultados das pesquisas com LEGO Terapia têm sido promissores. Os estudos identificaram melhorias quantificáveis no comportamento social e

na linguagem/comunicação após a intervenção com este método. Especificamente, os resultados mostram que as escalas utilizadas foram respondidas pelos responsáveis e professores e os dados positivos puderam ser notados na evolução dos aspectos da comunicação social, habilidades sociais e linguagem em 6 meses de intervenção (Ramalho; Sarmiento, 2019)

A eficácia da LEGO Terapia é atribuída à sua capacidade de exploração específica do TEA. Baron-Cohen refere que as crianças que têm o diagnóstico de TEA são atraídas por objetos previsíveis, o que permite a motivação e o engajamento em atividades sistemáticas. A utilização de objetos pode favorecer não apenas o crescimento dos aspectos linguísticos, mas das competências sociais, que é uma das funções indispensáveis para o desenvolvimento humano (Ramalho; Sarmiento, 2019).

Abordagens Analítico-Comportamentais

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) representa uma das abordagens complementares mais lógicas. A ABA tem sido amplamente utilizada para o planejamento de intervenções de tratamento e educação para pessoas com transtornos do espectro do autismo (Brasil, 2015). Nesses casos, uma

abordagem prioritária a criação de programas para o desenvolvimento de habilidades sociais e motoras nas áreas de comunicação e autocuidado, proporcionando a prática (de forma planejada e natural) das habilidades ensinadas, com vistas à sua generalização.

A metodologia da ABA é descrita por sua abordagem sistemática: Cada habilidade é dividida em pequenos passos e ensinada com ajudas e reforçadores que podem ser gradualmente eliminados. Os dados são coletados e analisados. Esta abordagem também atua na redução de comportamentos não adaptativos (estereotipias, agressividade etc.), particularmente ao substituir-los por novos comportamentos socialmente mais aceitáveis e que sirvam aos mesmos propósitos, mas de modo mais eficiente (Brasil, 2015).

Evidências de Eficácia e Resultados Clínicos

Impacto no Desenvolvimento Global

As evidências disponíveis demonstram que as práticas complementares possibilitam um prognóstico e evolução positiva no desenvolvimento físico, motor e na comunicação verbal e não verbal (Viana *et al.*, 2021). Este estudo possibilitou

identificar quais são as principais práticas complementares que devem ser utilizadas no tratamento de crianças autistas que possam oferecer autonomia e bem-estar físico e psicológico, sem retirar a energia e o potencial da criança.

As principais práticas identificadas são: a musicoterapia, equoterapia, cinoterapia, atividade física, danaterapia, ludoterapia e a psicomotricidade(Viana *et al.*, 2021). Estas modalidades têm contribuído significativamente para o desenvolvimento físico, motor, e na comunicação verbal e não verbal, para assim, incluí-lo na sociedade de forma mais precisa garantindo a autonomia e interação

Benefícios na Interação Social

Um aspecto particularmente relevante das terapias complementares é seu impacto na interação social. A concepção metodológica com a prática de imitação, associada a uma dinâmica prazerosa do exercício rítmico, é a melhor sugestão para contemplar o direcionamento das pesquisas contemporâneas, uma vez que, quando ocorrem a inter-relação entre interação social, aprendizagem motora e percepções sensoriais, os avanços são mais inovadores para essas crianças (Nascimento; Bitencourt; Fleig, 2021).

A dificuldade de comportamento social do indivíduo com transtorno do espectro autista pode ser o ponto-alvo nas suas limitações de aprendizagem motora(Nascimento; Bitencourt; Fleig, 2021) . Portanto, as terapias complementares que abordam simultaneamente aspectos motores e sociais apresentam maior potencial de sucesso.

Desafios na Implementação

Limitações dos Tratamentos Convencionais

A necessidade de terapias complementares torna-se evidente quando consideramos as limitações dos tratamentos farmacológicos convencionais. Os medicamentos como a risperidona e o aripiprazol possuem aprovação da Food and Drug Administration (FDA) para tratar os sintomas relacionados à melhoria psicomotora e irritabilidade (Viana *et al.*, 2021). Entretanto nenhuma outra droga tem indicação para uso específico nesta situação.

Além disso, os medicamentos não devem ser usados como único ou principal recurso terapêutico para uma pessoa com transtorno do espectro do autismo, mas sempre devem ser associados a outras estratégias de cuidado (Brasil,2015). Esta limitação reforça a importância das

abordagens complementares como componentes essenciais do tratamento integral.

Diagnóstico Tardio e Capacitação Profissional

Um desafio significativo identificado na literatura é o diagnóstico tardio: A identificação do TEA na maioria das vezes é realizada tardiamente pela falta de capacitação dos profissionais de saúde em investigar os sinais e sintomas sugestivos do autismo (Viana *et al.*, 2021). Dificultando o tratamento e agravando a queda da inclusão social.

Esta situação é agravada pela necessidade de conhecimento especializado. Os resultados mostram que os docentes apresentam lacunas de conhecimento sobre as manifestações clínicas desse transtorno, além de dificuldades, tais como avaliação individualizada, elaboração do plano de desenvolvimento individual e desenvolvimento de estratégias e intervenções pedagógicas (Lima; Angelo, 2022).

Papel dos Profissionais de Saúde

Enfermagem e Identificação Precoce

O Enfermeiro deve colaborar na identificação do diagnóstico por meio da

observação comportamental da criança nas consultas e na atuação como educador em saúde com criatividade e conhecimento para implementação de novas terapias (Viana *et al.*, 2021). Para que isso ocorra, o profissional deve estar capacitado para oferecer suporte à investigação e confirmação do diagnóstico.

A participação ativa do enfermeiro é fundamental, pois o Enfermeiro possui uma participação ativa e essencial, não somente para identificação dos sinais e sintomas, mas também para prestar apoio e segurança aos pais e cuidadores de crianças com TEA (Viana *et al.*, 2021).

Abordagem Interdisciplinar

A complexidade do TEA exige uma abordagem multidisciplinar abrangente. Todo projeto terapêutico singular para uma pessoa com transtorno da espectro do autismo precisa ser construído com a família e a própria pessoa (Brasil, 2015). Deve envolver uma equipe multiprofissional e estar aberto às proposições que venham a melhorar sua qualidade de vida.

O importante é verificar que não há uma única abordagem, uma única forma de treinamento, um uso exclusivo de medicação ou projeto terapêutico fechado que possa dar conta das dificuldades de

todas as pessoas com transtorno do espectro do autismo (Brasil,2015).

Considerações sobre Implementação no Sistema de Saúde

Integração com Serviços Públicos

A implementação eficaz das terapias complementares requer integração com os sistemas de saúde existentes. Para além da singularidade da atenção às crianças, envolveu o apoio à família, o estabelecimento do processo diagnóstico, a inserção escolar e comunitária e o desenvolvimento do trabalho em rede intersetorial, a adolescência também marca um período no qual a demanda por acompanhamento mais intensivo pode se fazer presente(Brasil,2015).

A oferta de tratamento nos pontos de atenção da Rede de Cuidados à Saúde da Pessoa com Deficiência constitui uma estratégia importante na atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo, uma vez que tal condição pode acarretar alterações de linguagem e de sociabilidade que afetam diretamente com maior ou menor intensidade grande parte dos casos, podendo ocasionar limitações em capacidades funcionais no cuidado de si e nas interações sociais (Brasil,2014).

Planejamento

Individualizado

O desenvolvimento de projetos terapêuticos individualizados é fundamental para o sucesso das intervenções. O projeto terapêutico a ser desenvolvido deve resultar: 1) o diagnóstico elaborado; 2) das sugestões resultantes da avaliação interdisciplinar da equipe; e 3) das decisões da família (Brasil,2014).

Esta abordagem personalizada é essencial que a definição do projeto terapêutico das pessoas com TEA leve em conta as diferentes situações clínicas envolvidas nos transtornos do espectro do autismo(Brasil,2014).

Limitações e Necessidades de Pesquisa

Escassez de Evidências

Apesar das promessas, existe uma limitação significativa na quantidade de pesquisas disponíveis. Este foi um ponto negativo deste estudo, o que limitou uma discussão maior sobre o tema.; A LEGO Terapia está sendo difundida pelo mundo, mas poucas pesquisas estão sendo publicadas (Ramalho; Sarmiento, 2019) .

Necessidade de Complementaridade

É importante destacar que apesar de um método que promove a estimulação das funções neuropsicológicas, as terapias

clássicas devem ser realizadas continuamente (Ramalho; Sarmiento, 2019). A LEGO Terapia deve agregar nas terapias clássicas, favorecendo a evolução do quadro clínico dos indivíduos com TEA.

Perspectivas para Adultos com TEA

Transição para a Vida Adulta

Um pouco diferente do que ocorre na intervenção inicial e na educação infantil, em que há muita ênfase no desenvolvimento de habilidades de base ou pré-requisitos, o foco do atendimento deve se voltar à integração e ao acesso aos serviços, à comunidade, inserção no mercado de trabalho e ao lazer (Brasil, 2014). A ênfase nessas dimensões não exclui a continuidade do trabalho para que os adultos com TEA possam cuidar de sua saúde pessoal, aprimorar habilidades funcionais e de autocuidado, bem como intensificar suas possibilidades de comunicação e ampliar seu repertório de comportamentos sociais.

Objetivos de Longo Prazo

Intervenções analíticas-comportamentais podem ajudar, por exemplo, uma pessoa com transtorno do espectro do autismo a se comunicar melhor, a produzir consequências de modos mais efetivos e refinados nas relações sociais que

mantém, de modo que se sentirá mais inteligente para fazer escolhas em sua vida, seja para realizar trabalhos artísticos, engajar-se em atividades de lazer e estudo, buscar oportunidades no mercado de trabalho ou fazer qualquer outra coisa que venha a escolher (Brasil, 2015). O profissional deve trabalhar para que a pessoa com TEA venha a se tornar capaz de escolher por si própria, com vistas a ampliar seu repertório comunicativo, buscando a seleção mais apta.

Considerações Éticas e Familiares

Envolvimento Familiar

O sucesso das terapias complementares depende significativamente do envolvimento familiar. Sempre que possível, o médico deve discutir a introdução de psicofármacos com outros membros da equipe responsável pelo tratamento, que também devem participar da reavaliação periódica da medicação (Brasil, 2015). Da mesma forma, o momento de retirada da medicação deve fazer parte do planejamento terapêutico, devendo ser negociado cuidadosamente com os familiares, que muitas vezes temem pela piora do comportamento do paciente quando este estiver sem uma substância em seu organismo.

Suporte Psicológico

As intervenções psicológicas podem constituir um espaço de escuta e de orientações que objetivam o empoderamento da família (Brasil, 2014). Este suporte é fundamental para garantir a continuidade e eficácia das intervenções complementares.

Conclusões e Recomendações

A evidência disponível demonstra que as práticas complementares são benéficas para o tratamento do Transtorno do Espectro Autista, proporcionando um prognóstico mais favorável e uma evolução positiva no desenvolvimento físico, motor e na comunicação verbal e não verbal. Essas terapias ampliam significativamente o leque de estratégias de intervenção disponíveis, ao oferecer abordagens mais holísticas e individualizadas, respeitando a singularidade de cada pessoa no espectro.

Contudo, para que essas práticas sejam eficazes, é imprescindível uma abordagem sistematizada e de qualidade, com implementação segura e bem fundamentada. A aplicação adequada das terapias complementares requer a formação profissional contínua e adequada. As capacitações docentes voltadas para essa temática devem ser reformuladas com base na integração entre teoria e prática,

fundamentadas em princípios da neurociência educacional, que tem contribuído com novos conhecimentos sobre o neurodesenvolvimento humano (Lima; Angelo, 2022). As universidades desempenham um papel crucial nesse processo, sendo fundamental que revisem suas matrizes curriculares para incluir disciplinas voltadas à pessoa com deficiência.

As terapias complementares devem ser utilizadas como suporte aos tratamentos convencionais eficazes, atuando de forma integrada, sem substituí-los, mas sim potencializando seus efeitos. Além disso, a individualização do tratamento é essencial, uma vez que o TEA se manifesta de forma diversa em cada indivíduo. Dessa forma, as abordagens terapêuticas devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada pessoa, promovendo intervenções mais assertivas e efetivas.

Outro aspecto essencial é a continuidade das pesquisas científicas sobre essas práticas, de modo que seu conhecimento e aplicação sejam disseminados amplamente, garantindo maior acesso às terapias por parte das pessoas com TEA. Por fim, o envolvimento ativo das famílias e cuidadores é indispensável para o sucesso das intervenções, visto que a participação no

processo terapêutico favorece a consolidação dos avanços alcançados e fortalece a rede de apoio ao indivíduo.

Assim, as terapias complementares representam uma fronteira promissora na expansão das estratégias de cuidado para o TEA, trazendo novas perspectivas para a melhora dos resultados funcionais e da qualidade de vida de pessoas no espectro e suas famílias. A continuidade da pesquisa e a implementação qualificada dessas abordagens são fundamentais para maximizar seu potencial terapêutico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília : Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. [S.l.]: Ministério da Saúde, 2015.

LIMA, Isabela Barreiros Pinheiro; ANGELO, Rita di Cássia de Oliveira. **Percepção do professor do atendimento educacional especializado sobre as características do transtorno do espectro autista e sua influência na aprendizagem auti.** , 12 ago. 2022.

NASCIMENTO, Iramar Baptistella do; BITENCOURT, Cristiano Rech; FLEIG, Raquel. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 2, p. 179–187, abr. 2021.

RAMALHO, Náide Cristina Pereira; SARMENTO, Stella Maria de Sá. LEGO® therapy as an intervention in autism spectrum disorders: an integrative literature review. **Revista CEFAC**, v. 21, n. 2, 2019.

VIANA, Ádria Lorena Oliveira *et al.* Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: revisão integrativa da literatura. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 6, 3 maio 2021.